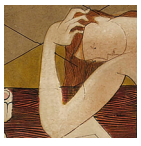

Nau Literária | crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

DOI: 10.22456/1981-4526.119583

A representação de personagens com acromatopsia na literatura brasileira contemporânea

The representation of characters with achromatopsia in the contemporary Brazilian literature

Dossiê

Maria Cláudia Gastal*

ORCID: 0000-0002-2049-1332

E-mail: claudiagastal@gmail.com

Recebido: 27/10/2021
Aprovado: 08/03/2022

Resumo:

Partimos do pressuposto de que a luta das pessoas com deficiência não se resume a lidar com as limitações do próprio corpo, ela é também a luta por reconhecimento, respeito e dignidade. Nesse sentido, é importante que seus corpos e suas subjetividades estejam representados na literatura, visto que é a partir da leitura que podemos exercitar nossa alteridade para com os diferentes, bem como encontrar a representação de nós mesmos, devidamente estruturada em narrativa e linguagem que nos ajudem a organizar nossa existência. Pessoas com a condição visual da acromatopsia vivem um complicado limiar, uma vez que passam invisibilizadas pela sociedade e precisam constantemente reafirmar sua identidade. Portanto, o objetivo deste trabalho é investigar a existência de protagonistas com acromatopsia em livros literários da literatura contemporânea brasileira e discutir sua representação à luz das noções de identidade e processo de identificação de Stuart Hall. Encontramos ao menos três obras que abordam de distintas formas a acromatopsia e a relação dos personagens com ela.

Palavras-chave:

Acromatopsia. Baixa visão. Identidade.

Abstract:

We assume that the struggle of people with disabilities is not just dealing with the limitations of their own bodies, it is also the struggle for recognition, respect, and dignity. In this sense, it is important that their bodies and their subjectivities are represented in the literature since it is through reading that we can exercise our otherness towards the different, as well as find the representation of ourselves, properly structured in narrative and language that help organize our existence. People with the visual condition of achromatopsia live a complicated threshold since they are invisible to society and constantly need to reaffirm their identity. Therefore, the objective of this work is to investigate the existence of protagonists with achromatopsia in literary books of contemporary Brazilian literature and discuss their representation considering Stuart Hall's notions of identity and identification process. We found at least three works that approach achromatopsia and the characters' relationship with it in different ways.

Keywords:

Achromatopsia. Low vision. Identity.

* Mestranda em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

CC BY

Quando completei dois meses de idade, minha mãe percebeu que, diferentemente do que era esperado, eu ainda não conseguia fixar meu olhar. Começou aí uma jornada que se estende até hoje e que, inevitavelmente, foi e é fator essencial para a construção da minha identidade. Cresci sabendo que não enxergo cores, que tenho uma fotofobia severa e que minha acuidade visual é bastante baixa, em torno de 30% a 40%, se comparada a uma visão dita normal. No entanto, eu não tinha um nome para todas essas características. A cada vez que eu enfrentava uma situação nova, como mudar de escola e/ou de série, conhecer alguém, fazer uma prova de seleção, entrar em uma loja e ser abordada por uma vendedora, eu precisava explicar cada um desses aspectos que limitam minha visão ou simplesmente calar.

Foi somente em 2013, já com 21 anos, que fui a um geneticista pela primeira vez e minha limitação visual ganhou nome: acromatopsia. A partir daí, pude procurar outras pessoas na mesma condição com quem pudesse compartilhar experiências. Foi ao dar nome à minha condição que pude, afinal, solidificar meu processo de identificação como uma pessoa portadora de deficiência.

Passei minha infância, adolescência e parte da vida adulta como uma pessoa que enxergava menos – uma quase normal. Essa situação limite ou fronteiriça é angustiante. Até o início dos meus vinte anos, eu não considerava exigir recursos de acessibilidade, já que nunca precisei usar uma bengala e nunca me adaptei ao uso de lupas. No entanto, ao mesmo tempo em que conseguia e consigo viver independentemente, inúmeras vezes me senti desamparada em situações corriqueiras, como esperar um ônibus ou escolher um prato somente com o cardápio disponível atrás do caixa. A baixa visão, ironicamente, é uma deficiência imperceptível aos demais. Ao comentar sobre ela e pedir ajuda, é comum ter como resposta dúvida, descrença ou ser tratada como uma pessoa cega.

Evidentemente, o entendimento dos fatores biológicos que me tornam uma acromata e a consciência das características consequentes dessa colisão genética, agora eu já tenho. As informações sobre acromatopsia estão disponíveis em estudos médicos, análises clínicas, textos genericamente enciclopédicos de fácil busca na Internet. Mas a elaboração individual do que se passa comigo mesma, bem como da minha interação com o mundo, a materialidade de ser uma pessoa invisivelmente com deficiência é muito mais complexa de entender e de conhecer. Ou seja, por mais que o diagnóstico da acromatopsia tenha mudado a minha compreensão a respeito de mim, minha deficiência continua invisível às demais pessoas. Continuo transitando pela normalidade e anormalidade, encontrando desafios em ambos os lados.

É aí que a literatura pode ter um papel fundamental. É muitas vezes na literatura, e nas suas mais diversas manifestações, como cinema, teatro, canção, poesia etc, que conseguimos ver refletida nossa existência e a partir da qual refinamos nossa sensibilidade à existência de outros. É com ela que podemos ser capazes de problematizar questões antes imperceptíveis para nós, e conseguimos dar nome a sentimentos, eventos e situações que até então atravessávamos sem conseguir traçar um contorno. Foi na literatura, por exemplo, que pude me colocar no lugar do pai de uma criança com Síndrome de Down, viver a jornada de um idoso viúvo que é deixado a encarar a morte em um asilo, que me aproximei do drama de transicionar de gênero, do horror da tortura, do abuso sexual e das injustiças.

A literatura, conforme Antonio Candido (2011), é um dos bens incompressíveis do ser humano, uma vez que a materialidade do texto, sua ordenação gráfica e de ideias, são palpáveis e indispensáveis à construção narrativa da linha da vida. Ela torna possível organizar nossos entendimentos do mundo e de nós mesmos.

Mas quase nunca encontrei em obras literárias a jornada de alguém que reconhece em si as limitações da deficiência visual, apesar de ver. À parte alguns livros – como *A Ilha dos Daltônicos,* de Oliver Sacks, originalmente escrito em 1996, que é uma mistura de autobiografia e tratado médico, e cuja tradução do título para o português já apresenta problemas por não dar o nome correto à acromatopsia; e o livro infantil de Carlos Urbim (1997), *Um Guri Daltônico* –, raros são os textos, principalmente literários, que abordem a questão da busca da identidade de uma pessoa com acromatopsia ou baixa visão.

A intenção do presente estudo é verificar se há obras literárias brasileiras, produzidas no século XXI, que tenham como protagonista pessoas com acromatopsia. Se sim, procuraremos analisar como essas personagens são retratadas pelos narradores e se a invisibilidade da deficiência dessas personagens é aspecto tratado na formação de suas subjetividades. Para tanto, levaremos em conta a noção de *processo de identificação* formulada por Stuart Hall, e a importância da literatura para a construção das identidades.

1 Existir através da literatura

Por volta dos meus dez anos, eu era uma ávida leitora. Harry Potter, por mais que fosse um mundo de fantasia, conversava comigo enquanto adolescente e contribuía para que eu me entendesse ou formulasse leituras a respeito de mim e dos outros. Portanto, ao ganhar *Um Guri Daltônico* de Carlos Urbim (1997), ainda que eu soubesse que daltonismo não fosse exatamente o meu caso, eu esperava ansiosamente encontrar alguém como eu. Foi quase. Foi um quase esperançoso.

Nos últimos anos, com a descoberta do diagnóstico da minha deficiência visual e a formação em Letras, vim refletindo a respeito de como dificilmente encontrei algum acromata ou pessoa com baixa visão na literatura. A partir dessa constatação, resolvi investigar a existência de obras literárias que representassem pessoas com baixa visão, mais especificamente pessoas com acromatopsia.

Mesmo a acromatopsia sendo uma condição consideravelmente rara – uma pessoa a cada 30 ou 40 mil, de acordo com o médico Oliver Sacks (1997) – os conflitos vividos por acromatas, bem como pelas pessoas ao seu redor, não é menos real ou menos importante. Nesse sentido, sua representação continua tendo valor para marcação de suas existências.

Além disso, são muitas as pessoas com deficiência visual que não são cegas. De acordo com a nova leitura dos dados de 2010 do IBGE (BRASIL, 2020), proposta pelo próprio instituto, 3,6% dos brasileiros têm deficiência visual, mas somente 6,6% dessas pessoas se utilizam de algum recurso, ou seja, podemos depreender que a maior parte das pessoas com deficiência visual não é completamente cega. Ainda assim, é mais comum encontrarmos a representação de pessoas cegas do que pessoas com baixa visão em manifestações literárias. É por isso que acredito que a representação de pessoas acromatas, incluídas no grupo de visão subnormal, pode ser vantajosa mesmo para pessoas com outras condições de baixa visão: transitamos na fronteira entre a normalidade e a anormalidade, buscamos a afirmação de nossas identidades e a consolidação de nossos direitos.

Ao investigar outros trabalhos acadêmicos que se propusessem à análise de personagens com deficiência visual, constatei que, devido à falta de representação de pessoas com baixa visão, os pesquisadores acabaram por se concentrar na deficiência visual completa, como é o caso do artigo de Lívia Silva Viana e Alessandra Santana Soares e Barros (2021), *A cegueira e a baixa visão na literatura infanto-juvenil*, da tese de Felipe Mianes (2015), *Marcas de identificação em narrativas*

autobiográficas de pessoas com deficiência visual, que se encaminham inevitavelmente para a análise de sujeitos quase todos cegos, ainda que não tenham sido esses os propósitos iniciais de suas pesquisas. Já o trabalho de Creusa Marques de Oliveira Barros (2020), *Personagens Cegas na Literatura Infantil Brasileira: um estudo da obra* O menino que via com as mãos*, de Alexandre Azevedo*, é dedicado de fato à análise da representação de um personagem cego.

Sendo assim, espero contribuir para a melhor compreensão da representação das pessoas com baixa visão, principalmente acromatas, na literatura brasileira. Também desejo que o presente trabalho incentive outros pesquisadores a seguir trilhos semelhantes ou mais aprofundados.

2 Identidade e literatura

Ao debater identidade, é imprescindível trazer à tona os estudos culturais pós-coloniais de Stuart Hall (2020). Ao abordar o indivíduo da modernidade tardia (ou pós-modernidade, como alguns preferem), Hall está pensando nos sujeitos fragmentados cuja solidez histórica que alinhava sua identidade está caindo por terra.

Trago aqui dois pontos que Hall (2020) desenvolve em *A identidade cultural na pós-modernidade* que interessam à discussão travada no presente ensaio: a identidade enquanto discurso e a classificação hierárquica das identidades. Conforme o sociólogo britânico, a identidade é resultado de uma costura narrativa, um alinhamento discursivo que o sujeito faz a respeito de si mesmo, de modo consciente e inconsciente, de forma externamente imposta e também autoimposta, como Hall (2014) melhor desenvolve em *Quem precisa de identidade?*. Dessa forma, ao reunir fragmentos daquilo que lhe dizem ele ser e daquilo que ele se entende ser, o indivíduo constrói sua identidade, dando a si uma unificação imaginada. Essa unificação permite a ele se distinguir dos outros e lhe dá a impressão de inteireza. No entanto, essas são em sua maior parte impressões, visto que a identidade é construída sobretudo em cima de conceitos culturais inventados, como a brasilidade, ou sobre compartilhamentos étnicos e biológicos que, por mais que disponham de semelhanças aparentes, não são essencialmente quem as pessoas são.

Por outro lado, a diferença entre as identidades é necessária para que os sujeitos se afirmem naquilo que eles não são. Mas as diferenças podem cair em binarismos simplistas, como alto e baixo, branco e negro, e implicam invariavelmente algum grau de hierarquia, visto que enquanto um é, o outro não é. É dessa forma que historicamente os homens têm se tornado os sujeitos que são, e as mulheres aquelas que não são homens; os brancos os sujeitos que são, e os negros os sujeitos não brancos; as pessoas sem deficiência têm se tornado as pessoas normais, e as com deficiência as anormais.

No entanto, com o advento do feminismo, as pautas identitárias tentam inverter essa lógica. Ao assumir-se mulher, negro, gay ou pessoa com deficiência, é possível marcar a subalternidade e, portanto, a necessidade do subalterno de ter seu lugar reconhecido e protegido como tal. Não é só uma marca da diferença, mas a marca pelo reconhecimento e uma nova concepção dessa diferença.

Nesse sentido, se marcar a pessoa com deficiência a secundarizava socialmente, hoje, marcar esse lugar é importante para a reivindicação de direitos e melhoria de vida. Esse movimento fica claro em um dos livros que compõem o corpus desse trabalho. Em *Preto e Branco*, Olga Pereira (2009), que já havia sido demitida de alguns trabalhos por conta de sua deficiência visual, a qual ela omitia propositadamente ao entrar nas empresas, conta como foi sua experiência ao fazer um concurso como cotista e ser aprovada:

> Estou trabalhando no Tribunal de Justiça de Minas Gerais desde 2007. Fui recebida com toda atenção pelo setor de Recursos Humanos que queria saber o que seria necessário para eu trabalhar levando em conta meu problema de vista. 'A sala deveria ser escura', me perguntou a psicóloga, 'deve ter contrastes? O que você precisa para trabalhar com tranquilidade?'.
> A minha felicidade só aumentava. Antes, eu tinha que esconder o fato de não enxergar bem. Agora queriam me propiciar um ambiente no qual eu pudesse trabalhar sem problemas. (PEREIRA, 2009, p. 85).

A fragmentação das identidades dos indivíduos pode custar-lhe a dissociação com a noção coletiva de nacionalidade, e pode mesmo ser utilizada como estratégia de marketing e venda de produtos, conforme avança o neoliberalismo. Todavia, entender-se sob outros aspectos, identificar-se com outras pessoas que também são mulheres, gays, negros, ou deficientes visuais é caminho para a construção política de visibilidade aos marginalizados e luta por justiça social.

3 A representação da acromatopsia e dos persoagens acromatas nas obras selecionadas

Na formulação de uma primeira hipótese, a ideia era buscar obras literárias que tivessem como protagonistas pessoas com baixa visão. Assim, coloquei no site de busca Google alguns descritores como "visão subnormal livro", "personagem com visão subnormal", "baixa visão livro", "personagem com baixa visão", "literatura baixa visão", "literatura visão subnormal". Como resultado encontrei: (1) livros e artigos de literatura médica sobre baixa visão e cegueira; (2) livros e artigos na área da educação e da teoria literária a respeito da baixa visão sempre associada à cegueira; (3) livros literários infantis de cunho fortemente didático, explicando às crianças o que é baixa visão e cegueira; e (4) a chamada para uma peça de teatro intitulada *O subnormal*.[1] Previamente eu já conhecia *Histórias de baixa visão*[2] (2019) e *Maternidade e deficiência visual: do sonho ao nascimento de Natália* (2021),[3] ambos organizados ou escritos por Mariana Baierle, jornalista gaúcha com deficiência visual e fomentadora do blog *Três Gotinhas*,[4] em que relata e debate sua vida como pessoa com deficiência.

No entanto, dei-me conta de que a baixa visão é uma deficiência de amplo espectro e muitas vezes é uma fase de transição para a deficiência visual completa. Resolvi, portanto, reformular minha hipótese, voltando-me especificamente para a possibilidade de encontrar obras literárias contemporâneas, escritas no Brasil, que tivessem personagens acromatas. Com novos descritores, procurei no Google por "personagem acromata" e "personagem acromatopsia" Foi assim que encontrei: *Em Preto e Branco* de Olga Pereira (2009), *Grise: o silêncio das cores* de Edemar Gregório (2016), e *Acromatopsia* de Guilherme Matos (2021). Os três livros foram publicados de forma independente e não compõem o mercado editorial brasileiro.

Ao encontrar as obras, a minha segunda hipótese era a de que a fronteira entre a normalidade e a anormalidade, tão comum na minha experiência com a acromatopsia (e na de tantos outros acromatas), seria retratada e seria uma questão importante na formação de suas

1. Disponível em: https://palcoteatrocinema.com.br/2019/10/13/o-subnormal-uma-historia-de-baixa-visao/. Acesso em: 28 jul. 2021.
2. Ver BAIERLE, Mariana (org.). *Histórias de baixa visão.* Porto Alegre: CRV, 2019.
3. Ver BAIERLE, Mariana. *Maternidade e deficiência visual*: do sonho ao nascimento de Natália. Porto Alegre: Editora Gregory, 2021.
4. Disponível em: https://tresgotinhas.com.br/. Acesso em: 31 jul. 2021.

subjetividades. Para isso, seria necessário pinçar alguns momentos-chaves nas três obras em que a invisibilidade da acromatopsia move a ação adiante. É importante ressalvar que não farei juízo de valor estético das obras, visto que esse não é o principal objetivo aqui, apesar de entender que a forma é aspecto definidor da literatura.

Os três livros encontrados são completamente diferentes. *Grise: o silêncio das cores* é o mais perto do que eu esperava encontrar: um romance de 2016, originalmente escrito em 2004, cujo personagem principal, Pedro, é completamente cego para as cores, vendo branco, preto e escalas de cinza. No entanto, diferentemente de acromatas completos, que têm hipersensibilidade à luz do sol e baixa acuidade visual, Pedro tem licença para dirigir carros e sua deficiência se restringe a um daltonismo severo.

Já o livro de Olga Pereira (2009), *Em Preto e Branco*, é um livro de cunho autobiográfico, cuja autora é acromata, e é formado por relatos, fotos, inserção de trechos de outros autores e um capítulo dedicado ao público infantil. E, por fim, *Acromatopsia*, de Guilherme Garcês Matos (2021), é um romance composto de três capítulos, cada um intitulado com uma condição médica: *Acromatopsia*, *Fotopsia* e *Analepsia*. Diferentemente do esperado, o personagem principal não tem acromatopsia enquanto condição genética. Sua visão monocromática é uma metáfora para seu isolamento social.

Para começo da análise, é preciso descartar esse último livro. O personagem principal de *Acromatopsia*, Doriel, que é também seu narrador, é um adolescente do ensino médio que, após muitos anos se isolando socialmente a fim de não se machucar, se apaixona por uma colega de classe, Amanda. Ao sofrer um trauma na infância, Doriel passa a enxergar o mundo em preto, branco e escalas de cinza. Depois de anos, ao conhecer Amanda e envolver-se amorosamente com ela, Doriel passa a ver as cores novamente de forma paulatina: o vermelho de uma flor, o laranja de uma fruta ou o azul do céu.

> [...] Amanda sussurrou "eu não vou te deixar sozinho, então não me deixe sozinha também", então eu também a abracei, eu conseguia sentir suas lagrimas [*sic*] caindo sobre minhas roupas e sua respiração inquieta, tentando não me afogar em emoção voltei novamente minha atenção para a parede que dessa vez me surpreendeu por sua cor violeta, era clara, mas ressoava forte dentro do meu coração. A Amanda tinha me dado um mundo cheio de cor, um mundo que eu tinha trancado no fundo do meu coração e esquecido onde havia guardado a chave, mas ela aniquilou completamente o cadeado e trousse [*sic*] todas as cores para fora, o vermelho tão quente como o coração dela, o laranja virtuoso como ela, o amarelo esperançoso que ela me mostrou, o verde sereno e intenso como seu olhar, o azul melancólico, mas bondoso como suas expressões, o azul índigo complexo como sua [*sic*] pensamentos e o violeta tranquilo e aconchegante como seu abraço, o meu mundo já não era mais monocromático, eu não tinha mais como negar, todo meu ser já sabia a resposta, a verdade ofuscante que eu tentava não olhar por medo da cegueira, eu tinha me decidido, mesmo que eu não fosse merecedor eu queria estar do lado da Amanda e ao menos servir de apoio para ela, queria conversar mais com ela, eu queria ver o seu sorriso, o seu verdadeiro sorriso. (MATOS, 2021, p. 123).

Ao final do romance, Doriel chega a afirmar que "[...] ela [Amanda] literalmente pintou meu mundo monocromático, arrancou de mim minha acromatopsia" (MATOS, 2021, p. 237). Apesar de ser compreensível a metáfora das cores e da falta delas para a construção do personagem apaixonado em contraste com o seu eu isolado, o uso da condição acromata parece leviano, uma vez que é a impossibilidade real de milhares de pessoas de compartilharem códigos que fazem sentido socialmente e de experimentarem os efeitos estéticos das cores.

Já o livro *Em Preto e Branco* (2009) é em sua maior parte um relato autobiográfico, construído à semelhança de uma colagem, visto que, além dos episódios vividos pela autora, é constituído também de um capítulo com a carta do pai da autora (que não está claro se é uma simulação da carta do pai ou a reprodução de sua carta original), um capítulo de fotos, alguns capítulos com a reprodução de trocas de e-mails da autora com outros acromatas pelo mundo, um capítulo ilustrado dedicado às crianças, em tom autoficcional, bem como citações de outros autores espalhadas ao longo do livro. Embora o livro não seja de ficção, parte do pressuposto de que a costura discursiva adotada pela autora é uma construção narrativa e que, portanto, atende a pesquisa.

A autora Olga Pereira e sua irmã mais velha são ambas acromatas. São diversos os episódios que ilustram o fato de a acromatopsia ser uma condição invisível. É o próprio fato que dá origem ao livro:

> "Tia, você tem algum problema de vista?"
> Essa pergunta foi feita para mim por minha sobrinha Thaís. Fiquei muito impressionada. Mesmo tendo um problema de visão tão acentuado, meus sobrinhos já não o percebem, tal é o grau de adaptação à vida normal que levamos, eu e minha irmã Fátima.
> [...]
> Escrevo este livro especialmente para meus sobrinhos. É um relato das minhas experiências como acromata, para que esta vivência não se perca na família, e que possa contribuir para que outras pessoas, acromatas ou com outras deficiências, se beneficiem com ela. (PEREIRA, 2009, p. 9).

Dessa abertura do livro, é possível depreender a vontade da escritora de organizar sua existência de forma narrativa, a fim de mostrar aos demais quem ela é e construir uma identidade pautada na noção de uma pessoa com deficiência que não é vista como tal:

> Como explicar como se enxerga em preto e branco? É como uma TV que não tem cores?, perguntavam. E o mais difícil era ser normal sendo diferente. Num ambiente escuro, eu parecia normal. Na rua, nem cumprimentava as pessoas. Passava às vezes por mal educada (sic). Estava com sono ou mal humorada [*sic*]? (PEREIRA, 2009, p. 28).

Olga relata em seu livro as vezes que foi demitida quando os patrões notavam que ela tinha algum grau de deficiência visual. Ela aparentemente não havia informado sua condição na admissão por conta do medo do preconceito, o que acaba se confirmando. Necessitando encontrar um trabalho logo, ela se candidata a algumas seleções pelas quais passa, mas esbarra nos exames médicos: "Vi-me sem lugar no mundo. Não era totalmente uma deficiente visual, mas também não enxergava bem" (PEREIRA, 2009, p. 52). Em uma das seleções, inesperadamente, é preciso que ela organize algumas cores. Ao saber disso, ela pede ao candidato que passara pelo teste antes dela que lhe diga quais eram as cores e em que ordem elas haviam sido apresentadas. Decorando-as, ela consegue passar pela seleção.

> - E quais eram as cores? Perguntei como um último pedido de socorro. O emprego era muito importante para mim. Havia sido despedida de dois empregos por causa de meu problema de visão.
> - As cores eram: vermelho, verde, amarelo, marrom, preto, azul e bordô.
> - Ok. Respirei fundo e aguardei minha vez de fazer o teste, decorando mentalmente a cartela de cores. (PEREIRA, 2009, p. 32).

Já em frente ao examinador, Olga relata:

> Falei novamente todas as cores que estavam em minha frente e em minha mente. Na verdade, em minha mente.
> Ok. Vamos passar para o teste seguinte, disse o psicólogo.
> Respirei aliviada. Passei nos testes. E, após a entrevista com a gerente da área, inclusive em inglês, o emprego era meu. (PEREIRA, 2009, p. 33).

Mais adiante, ficamos sabendo que, ao fazer o exame médico admissional, a maioria dos médicos, como ocorrera antes, se recusou a assinar seu laudo e permitir sua entrada na empresa. A exceção foi o médico Cláudio José, que permitiu que Olga tivesse um trabalho no qual se manteve por nove anos.

A autora ainda conta que trabalhou como professora de inglês e cerimonialista e como imprimia todas as tarefas e textos em letras muito grandes para que pudesse exercer seu trabalho sem ser descoberta. Ao final de sua narrativa, o leitor fica sabendo que, com a implementação das cotas para pessoas com deficiência, Olga passa em um concurso para trabalhar no Tribunal de Justiça de Minas Gerais, onde atua até hoje.

Como é possível perceber, para sua própria segurança e sobrevivência, ao encontrar um trabalho, a protagonista procura omitir propositadamente sua condição visual. Isso só é possível porque a acromatopsia é uma condição dúbia que permite seu portador transitar pela normalidade e a anormalidade. Em um e-mail a outro acromata, a autora confessa: "Às vezes eu fico confusa porque eu não gostaria de escondê-lo [o problema de visão], é uma questão de sobrevivência profissional. Mas, pelo menos para meus amigos mais próximos, gostaria de falar sobre ele" (PEREIRA, 2009, p. 67). Em uma resposta de e-mail, Carolyn, amiga acromata, diz: "Em meu trabalho eu tinha que fingir muito e esperar que as coisas dessem certo. E sempre funcionou. [...] Eu fingia muito ver coisas que eu realmente não via. Sempre fiz isso na minha vida" (PEREIRA, 2009, p. 68).

Assumir a condição de pessoa sem deficiência é assumir a posição de normalidade e suas passabilidades. Assumir a condição de pessoa com deficiência visual, mas que enxerga é, na maioria das vezes, desestabilizar noções pré-concebidas do que é ser uma pessoa com deficiência visual e como tratá-la, causando transtorno aos demais. Dessa forma, é compreensível que muitas vezes as pessoas acromatas prefiram simplesmente omitir sua deficiência e tentar passar sem gerar incômodos.

No entanto, a desconstrução e reconstrução de alguns conceitos demanda confronto e desestruturação. Nesse sentido, o livro de Olga, assim como outras obras literárias podem contribuir para provocação do estranhamento e nova compreensão do que é ser uma pessoa com deficiência visual.

A terceira e última obra analisada é *Grise: o silêncio das cores* (2016). O romance narra, em primeira pessoa, a história de Pedro, um rapaz acromata de trinta e poucos anos e de vida desregrada e solitária em Curitiba. Pedro diz ter acromatopsia, já que não enxerga totalmente as cores. Seu caso, porém, é de um daltonismo severo, visto que ele não tem hipersensibilidade à luz do sol, nem baixa acuidade visual, características comuns de acromatopsia completa. O interessante desse personagem é que sua vida não se resume à visão monocromática, nem é ele de personalidade bondosa ou capacidades excepcionais, por vezes adotadas pelos autores para compensação de uma deficiência. Pedro, ao contrário, foi usuário de drogas, meteu-se em brigas e vive das rendas da família porque não quer trabalhar.

De qualquer forma, assim como um acromata completo, Pedro prefere não dizer a incomodar-se explicando o que é acromatopsia e como enxerga:

> Expliquei pro [*sic*] Jota que eu era daltônico e contei sobre a primeira e última vez que comprei uma camiseta sozinho. Eu tinha treze anos, e apesar de estar vivendo nos esteticamente horrorosos anos oitenta, meu pai se indignou ao me ver vestindo uma camiseta rosa, uma cor que o mundo obrigou a ser feminina. Me chamou de bichinha e fez questão de me lembrar que, para evitar passar por ridículo, deveria assumir minha condição de cego pra [*sic*] cores e levar alguém para comprar roupas comigo. Secretamente eu disse para ele que fosse se foder, e que se a cor da minha camiseta ardia nos olhos dele como preconizava, azar dele, já que não ardia nos meus. Fuck off, pai! (GREGÓRIO, 2016, p. 81).

O ápice do romance, no entanto, é seu intenso relacionamento com Jaqueline, de quem desconhece a cor dos olhos.

> — Nunca fiquei com um cara que não se espantasse com meus olhos. Você não se espantou.
> — Me espantar? Que tipo de caras são esses que se espantam com coisas belas?
> — Você não achou nada de estranho naquela camiseta que te dei pra [*sic*] vestir?
> — Não gosto muito de rosa, mas tudo bem. — Disfarcei. Ela ficou alguns minutos em silêncio. Senti que não havia sido completamente convincente e resolvi mudar o rumo da prosa. — Tá [*sic*] a fim de ir no Sheena comer alguma coisa e tomar uma cerveja?
> — Não — disse sem dar importância à minha pergunta. Acendeu o abajur e ficou olhando para os meus olhos.
> — O que há com você?
> — Como assim?
> — Pedro, de que cor são meus olhos?
> — Claros, claro! — fiz uma brincadeirinha boba pra [*sic*] dispersar, mas vi que a casa ia cair.
> — Claros de que cor? — Bem, tinha praticamente duas opções e resolvi fundi-las pra [*sic*] não ter erro. — Hmmm...Verdes mas às vezes parecem azulados — sabia que isso acontecia com olhos claros. Ela começou a rir.
> — Eu estava certa, você não passa de mais um canalha mentiroso.
> — Por que está dizendo isso?
> — Pedro, meus olhos são cinzas. Você é daltônico? — levantei da cama e acendi um cigarro. Fiquei olhando pela janela. Meio ofendido, meio envergonhado.
> — Ei! Tudo bem! Não há nada de errado nisso, aliás, me parece bastante charmoso. — ela [*sic*] não sabia o que estava dizendo, mas eu adoro ser enganado por mentiras que me favorecem. Olhei para cama sorrindo e deitei ao lado dela, olhando para aqueles olhos, com um fascínio impossível de não se sentir.
> — Cinzas, é? Então posso vê-los de verdade. Então não sou cego pra [*sic*] eles — ficamos nos olhando por séculos. Cinco mil anos haviam se passado quando percebi que os olhos dela estavam cheios de lágrimas. Só depois notei que estavam assim porque os meus se inundaram primeiro. (GREGÓRIO, 2016, p. 82-83).

Pedro também omite que não vê cores, tanto para evitar explicações que são muitas vezes incompreendidas quanto para não sofrer preconceito. No entanto, ao perceber que ele está de fato vendo o que está diante de seus olhos e que, portanto, está compartilhando com outros as cores e os efeitos que elas produzem, algo que geralmente lhe escapa, ele se emociona.

Tanto em *Grise* quanto em *Em Preto e Branco*, é citada a Ilha dos Daltônicos, mais especificamente o atol de Pingelap, como referência para construção das identidades dos protagonistas. Olga e Pedro voltam-se ao médico Oliver Sacks e sua experiência como pesquisador na ilha dos acromatas para a compreensão de si mesmos. Sua aproximação a seus iguais se dá por meio de um livro e da narrativa de Sacks, reforçando a noção de que o processo de leitura e identificação é imprescindível para sua subjetividade e formação de suas identidades.

4 Considerações finais

Além das obras analisadas nesse estudo, encontrei muito recentemente o livro *Tu foste o meu arco-íris* (2021), de Sônia Santos,[5] no site da Amazon, lançado pela editora Chiado. Por questão de limitação de tempo e extensão do presente estudo, deixei-o de fora, mas será retomado em artigo futuro.

Ser uma pessoa acromata é, de alguma forma, tensionar a definição de deficiência visual, tomada na maioria das vezes como cegueira. Contudo, visto que esse tensionamento pode se tornar facilmente um prejuízo para os portadores dessa condição, é comum que acromatas optem por omitir, se possível, sua deficiência.

Nesse sentido, a construção de seus conflitos pela literatura pode servir como forma de sensibilização para essa condição tão invisibilizada. Não é o caso de a literatura ter objetivos pedagógicos, visto que não é essa sua função (se é que há alguma), mas de abrir espaço para o diferente, problematizar concepções cristalizadas e oportunizar o exercício da alteridade. Ademais, é uma forma também de pessoas acromatas se definirem ou se encontrarem, compreendendo-se sob outras perspectivas e construindo continuamente suas identidades.

O fato de serem pouquíssimos os livros encontrados com personagens acromatas, e o fato de esses mesmos livros terem sido lançados de forma independente, sem participar do circuito editorial, é também indício da invisibilização dessa condição e o muito que há ainda para ganhar espaço. Mais uma vez, não é uma questão de produzir livros que explorem uma identidade a fim de obter lucro das vidas transformadas em mercadorias, mas de complexificar o entendimento do que é normalidade, deficiência visual e baixa visão, abrindo horizontes mais vastos para a compreensão do humano.

Espero que esse estudo incentive outras pessoas a se perguntarem a respeito da representatividade de pessoas não brancas, não negras, não homens e com deficiências na literatura e suas diversas manifestações. Também espero que incentive escritores e escritoras a pensar no drama dos que não ocupam os extremos das binaridades e suas experiências enquanto indivíduos.

Referências

BARROS, Alessandra Santana Soares; VIANA, Lívia Silva. A cegueira e a baixa visão na literatura infanto-juvenil. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 7, n. 3, p. 27242-27256, mar. 2021.

BARROS, Creusa Marques de Oliveira. *Personagens cegas na literatura infantil brasileira*: um estudo da obra O menino que via com as mãos, de Alexandre Azevedo. 2020. 25 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Letras) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Coordenação Geral de Saúde da Pessoa com Deficiência. *Censo Demográfico de 2020 e o mapeamento das pessoas com deficiência no Brasil.* Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cpd/documentos/cinthia-ministerio-da-saude. Acesso em: 31 jul. 2021.

CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 169-191.

5. Ver SANTOS, Sônia. *Tu foste além do arco-íris*. São Paulo: Chiado Books, 2021.

GREGÓRIO, Edemar. *Grise: o silêncio das cores.* 3. ed. Curitiba: Clube do Autor, 2016.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-133.

MATOS, Guilherme Garcês. *Acromatopsia.* Kindle Edition: 2021.

MIANES, Felipe Leão. *Marcas de identificação em narrativas autobiográficas de pessoas com deficiência visual.* 2015. 180 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

PEREIRA, Olga Barbosa da Silva. *Em preto e branco.* Belo Horizonte: [*s. n.*], 2009.

SACKS, Oliver. *A Ilha dos Daltônicos.* São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

URBIM, Carlos. *Um Guri Daltônico.* Ilustração de Eloar Guazzelli. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.